

Cavalcante

Chapadões, águas e cultura cerratense

Golás



GUIA DE ESSÊNCIAS PARA TURISMO SUSTENTÁVEL



Teatro Kalunga
anima festas na cidade

Natureza

Um Cerrado deslumbrante e preservado. Mais de cem cachoeiras de águas cristalinas, cânions e trilhas, com opções para passeios leves ou esportes radicais.

Comunidades tradicionais

O quilombo Kalunga resguarda belezas históricas e naturais espetaculares. O povo é hospitaleiro e mantém costumes centenários.

Festas

As celebrações revelam a cultura local. Carnaval, festivais de música, forró ao vivo nos bares da cidade e folias de santos na zona rural acontecem o ano inteiro.



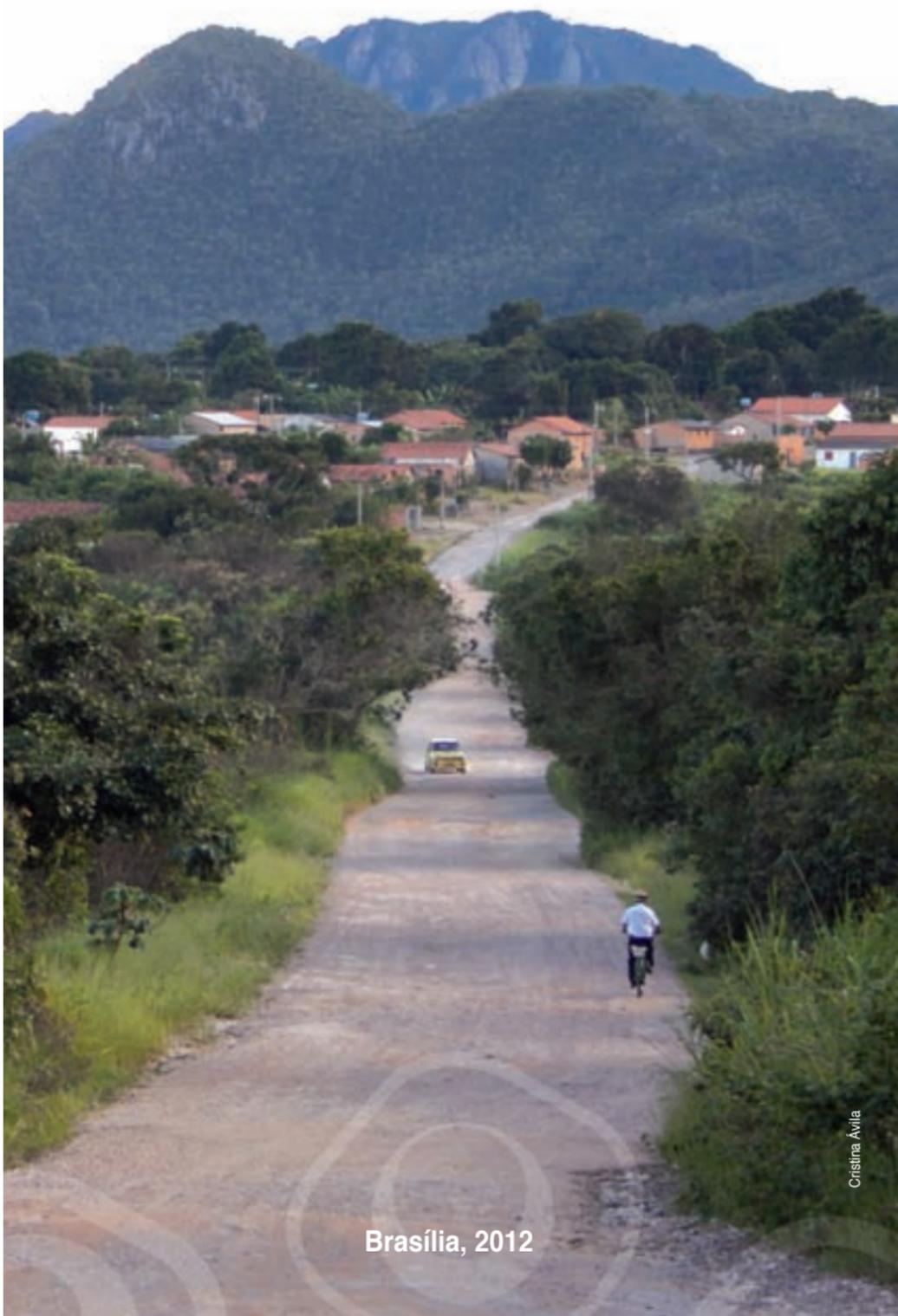
FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL

Cavalcante

Chapadões, águas e cultura cerratense

GoIás

Cristina Ávila



EXPEDIENTE

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL

www.fundacaobancodobrasil.org.br

DIRETORIA-EXECUTIVA

Jorge Alfredo Streit

Presidente

Dênis Corrêa

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas,
Controladoria e Logística

Éder Marcelo de Melo

Diretor-Executivo de Desenvolvimento Social

GESTORES

Alfredo Leopoldo Albano Júnior

Secretário-Executivo

Claiton José Mello

Gerente de Comunicação e Mobilização Social

Fernando da Nóbrega Júnior

Gerente de Monitoramento e Assessoramento
Técnico de Projetos

Jefferson D'Ávila de Oliveira

Gerente de Parcerias, Articulações e
Tecnologia Social

José Climério Silva de Souza

Gerente de Finanças e Controladoria

José Maurício Soriano Berçot

Gerente de Tecnologia da Informação

Júlio Maria de Lima Caetano

Gerente de Trabalho e Renda

Lenira de Souza Santos Stringhetti

Gerente de Pessoas e Infraestrutura

Marcos Fadanelli Ramos

Gerente de Educação e Cultura

INSTITUTO BRASÍLIA PARA O BEM-ESTAR DO SERVIDOR PÚBLICO – IBESP

www.ibespbrasil.org.br

Luiz Carlos do Carmo

Presidente

FICHA TÉCNICA

Edição, textos e fotos

TerraBrasília Comunicação

Edição de Arte e Design

Ct. Comunicação

Edição, textos

Cristina Ávila (4719 DRT/RS)

Fotos

Ana Mendes, Cleyton Ogura, Cristina Ávila,
Flávio Noronha, Gerson Ávila, Renata C. Martins,
Paulo Renato Franco, Werverson Paulino

Consultoria técnica

João Bittencourt Lino

Colaborou: Ravi de Melo Soares

Revisão

Yana Palankof

Tiragem

2.000 exemplares

Ávila, Cristina.

A958c

Cavalcante: chapadões, águas e cultura cerratense - Goiás/

Cristina Ávila. – Brasília: Fundação Banco do Brasil, 2012.

68 p.

ISBN 978-85-61534-12-7

1. Goiás – história. 2. Goiás – turismo. I. Título.

CDD: 918.13

Essência

é fragrância, sutileza,
sentido,
significado das coisas



O cerradeiro ou cerrafense
– Homo cerrafensis –
ia desde o século XVIII nascendo,
a par de frequentes crises de extinção...

...o cerradeiro ou cerrafense
é por excelência um homem barroco.
Criado nos ocos serfanejos,
acredita na liberdade,
sua natural condição...

Paulo Bertran
Poeta, historiador, conhecedor da alma do Cerrado



Flávio Noronha

Referências

ARTES, Empresa das. Brasil. *Parques Nacionais Brasil*. Guia de Turismo Ecológico. São Paulo: Empresa das Artes, 1999.

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. *Kalunga povo da terra*. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.

BERTRAN, Paulo. *História da terra e do homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal*. (<http://www.paulobertran.com.br>)

CAMPOS, Edilberto Sebastião Dias. *O turismo nas comunidades Kalunga de Vão de Almas, Vão do Moleque e Engenho II: potencialidades, desafios, dificuldades e ações para o desenvolvimento do turismo cultural, rural e ecológico de base comunitária, sustentável e inclusivo*. Diagnóstico para Fundação Banco do Brasil, 2011.

JATOBÁ, Danielli. *Comunidade Kalunga e a interpelação do estado: da invisibilidade à identidade política*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília. Brasília, 2002.

LEONARDI, Victor. *Estrada colonial no Planalto Central: uma viagem em baixa velocidade*. Brasília: Paidéia, 2008.

UNGARELLI, Daniella Buchmann. *A comunidade quilombola Kalunga do Engenho II: cultura, produção de alimentos e ecologia de saberes*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

Sumário

- Apresentação 9
- Nas trilhas do ouro 11
- Cavalcante 17
- Em cada lugar, um jeito de ser bonito 18
- Viajar é viver 20
- A seca 22
- Chove 24
- Planeta Água 26
- Para além dos cinco sentidos 30
- Alegria, alegria 32
- Parceiro, barbeiro 34
- Muita energia 36
- Terra quilombola 38
- Turismo sustentável 40
- Planeta Água 43
- A casa cheia cheia a cravo e rosa 46
- Vosso reino 47
- A cozinha da dona Getúlia 48
- Brumas e recordações 50
- Diário de viagem ao Vão do Moleque 52
- Estrada... 58
- Os perigos da natureza 60
- O Vão de Almas 62
- Ode à reflexão 64
- Pousadas 66
- Informações turísticas 68



Apresentação

Portas abertas para resguardar tesouros

Este guia traz uma pequena mostra de um universo rico em tradições centenárias, encravadas em belíssimos chapadões de um Goiás que conta histórias do Brasil: um mundo de quilombolas e de goianos de naturalidades múltiplas que os brasileiros precisam conhecer para conhecerem a si próprios.

Fazer turismo é também se voltar para a essência humana em suas pluralidades.

A Fundação Banco do Brasil investe em turismo cultural, em consonância com o Plano Nacional de Turismo, do Governo Federal, para a valorização do protagonismo local com inclusão social e fortalecimento da cidadania.

Mais do que apresentar maravilhosas cachoeiras e amplidões deslumbrantes desse vasto Planalto Central, aqui se pretende revelar essências: essências da natureza e das pessoas, das intenções delas em se voltar para o mundo global sem constringer raízes.

Essas comunidades abrem suas portas, contribuem para o conhecimento dos visitantes, valorizando suas múltiplas riquezas, mas protegendo-as para os filhos que um dia vão chegar.

Jorge Streit

Presidente da Fundação Banco do Brasil



Goiás

Nas trilhas do ouro

Sol a pino no Cerrado, e o olhar a perder-se de vista numa imensidão de mata seca. Longitude que não acaba mais. Caminhos de encantamento e também de privação. Ainda hoje regiões do Planalto Central em Goiás se estendem soberanas, desacompanhadas, espaços de retiro, sossego, contemplação. Léguas a serem alcançadas com esforço físico, pedras e mais pedras, difíceis de vencer, uma sobre a outra a formar escadas feitas pela própria geologia. As rochas desenham corredores subindo e descendo morros, a quebrar cascos de mulas que avançam destemidas e forçadas sob o peso do tempo e das bagagens.

É assim ainda em muitos lugares do vasto chão goiano, e foi muito mais assim antes da vastidão ser atravessada por levas de caçadores de riquezas. Demoraram a chegar, demorou a se quebrar o isolamento. Mais de dois séculos do desembarque dos europeus na costa brasileira e Goiás ainda permanecia como rota de escassos viajantes, de raros moradores. Seria em 1722 que viria o Anhanguera. Veio com apetite de conquistar, de colonizar, a molestar a quietude da ecologia sertaneja.





Goiás

As bandeiras traziam expedição de gente guerreira, disposta a encarar adversidades. Era expressivo o número de pessoas, conta o historiador Paulo Bertran, estudioso do Cerrado. Alguns eram domésticos, “de trabalhadores para o alimento, para o acampamento e uma fração de investigadores – às vezes até engenheiros de minas –, tudo no empenho de obter riquezas, ou pela persuasão ou pela força”.

Então, ingressa na paisagem o sujeito que vive da bateia, a mergulhar os pés nos riachos, a assustar os peixes, remover areias, com o lombo a reluzir musculoso em curvatura, braços retesados, hirtos, a se alongarem riscados em sulcos no arroubo do garimpo. As mãos deles em demoroso frenesi tremulavam as águas no lixiviar dos seixos. A descoberta dos grãos dourados no centro do continente fez movimentar gentios, favoreceu ousadias. Deslançou violências nas margens do **Rio das Almas**.



Goiás

A este Planalto Central, outrora unicamente território de índios, chegariam tropeiros, boiadeiros, mercadores. E se situariam os negros quilombolas que traçavam caminhos anciãos de terra crua, navegavam rios, viajavam em busca do sal na Bahia e em Belém do Pará.

O vento no Cerrado emoldurava a matéria viva, torcendo as árvores e o destino das gentes. O vento na vasteza sem fim a rodopiar castelos de pó em correrias de assombração.

Foram assim se enraizando povoamentos. Entre os pioneiros e mais estáveis acolhiam-se transeuntes em Cavalcante, Pilar, Santa Luzia, Meiaponte, Vila Boa de Goiás.

Povoamentos a se espicharem nas naturezas bordadas em pedras, chapadões musicados pelo ganir dos lobos-guará e das violas de buritis. Cá, neste Cerrado revés, onde a fartura de águas se finge de segura.



Bruaca.



Cangaia.

Fisionomias do Cerrado

“ O Cerrado se mostra diferente pra cada um

Se mostra pra pessoa como quer que a pessoa veja

Pra vocês,
foi hoje essa flor rara

Tão rara,
que a gente que é daqui
nunca viu tão linda, com essa cor

Eu vi uma menininha
que queria levar as pedras do rio pra casa

O rio quis se mostrar diferente pra ela
Tava com as águas calmas, tranquilas,
não tava turbulento como sempre é

O Cerrado é assim.

É um encanto sentir a magia que oferece pra gente. ”

*O relato é de **Magno Magnético Moura**, depois da foto da flor, quando retomou a direção da 4 x 4 da Suçuarana, na localidade de Morros, estrada pro Vão do Moleque.*

— Ela disse que queria fotografar uma flor, e na mesma hora a flor apareceu! — exclamou a guia Amiran, admirada.

— O Cerrado não quis esperar — explicou ele.





Ana Mendes / Trilha Cachoeira Renascer

Cavalcante

Um dos municípios mais antigos de Goiás e também um dos maiores, com 6.953,646 km², abrange cerca de 60% do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e a maior parte do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Sua geografia é privilegiada por diferentes fisionomias do Cerrado, circundada pelos rios Paranã, Preto, Tocantins, Prata, Almas e Claro.

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros foi declarado Patrimônio Mundial Natural em 2001, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco).

Assentado em imensa placa de cristal, tem cerca de 61 mil hectares, em Cavalcante e Alto Paraíso de Goiás. Área de grande interesse geológico, muito antiga, formada por rochas de período pré-cambriano, remanescente do continente Gondwana, que existia antes da separação da América e da África.

Na região de Cavalcante destacam-se cenários como as veredas, caracterizadas especialmente por buritis. Entre as espécies vegetais estão o pau-terra-vermelho, murici-rói-rói, caju do campo e mandiogueira, pau d'arco roxo, aroeira e mais de uma dezena de espécies de palmeiras usadas na construção de casas e na alimentação. É local de moradia de animais em risco de extinção, como o veado-campeiro, a onça-pintada e o lobo-guará. Abriga ainda tamanduás, capivaras, antas, tucanos, urubus-rei e emas.

Fisionomias do Cerrado

Em cada lugar, um jeito de ser bonito

Plantas e bichos fazem sua arquitetura. Os buritis aconchegam-se em solos encharcados, formando veredas em companhia de outros vegetais. As árvores fininhas vão plantar raízes ao longo de pequenos córregos, concebendo galerias onde o passaredo faz rasantes à caça dos insetinhos que voejam sobre as águas. Macaquinhos penduram-se pelo rabo com as mãozinhas cheias de frutinhas. Nas matas de áreas secas, árvores têm cascas grossas de cortiça para suportar o fogo. Os campos limpos são condomínios da família *Velloziaceae*, que desabrocham em flores lilases.



Flávio Noronha

Matas de galeria

Corredores vegetais com altura média que varia entre vinte e trinta metros. Como na natureza todo vegetal busca a luz do sol, nas matas de galeria as copas das muitas árvores acabam se sobrepondo umas às outras, formando coberturas de 70% a 95% de solo sombreado. **Cuide bem delas, pois protegem as águas, não deixando que os barrancos desmoronem.**



Flávio Noronha

Matas secas

Podem atingir em média 15 a 25 metros de altura, e a maioria das árvores tem tronco ereto.

Cerrado denso

Povoados por árvores baixinhas, com altura média de cinco a oito metros. Elas cobrem 20% a 50% do terreno.

Cerrado típico

Com árvores ainda mais baixas do que o Cerrado denso, de três a seis metros, e cobertura idêntica. A vegetação é intermediária entre o Cerrado denso e o Cerrado ralo.

Cerrado ralo

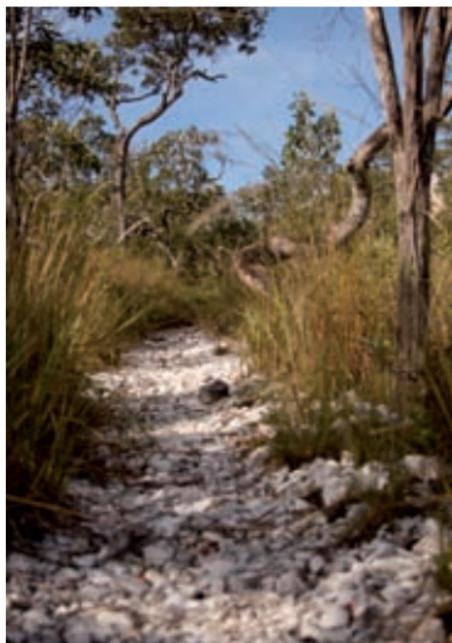
A vegetação arbóreo-arbustiva cobre somente 20% da área. Altura máxima de três metros.

Campo sujo

Apresenta arbustos espalhados.

Campo limpo

Geralmente estão próximos das matas de galeria. As plantas têm entre vinte centímetros e 1,2 metro.



Ana Mendes / Trilha Ponte de Pedra

Viajar é viver

Mais do que um simples passeio

Conhecer a Chapada dos Veadeiros ajuda a esquecer o estresse do dia a dia. E a gente sempre volta com histórias interessantes para contar.



Gerson Ávila

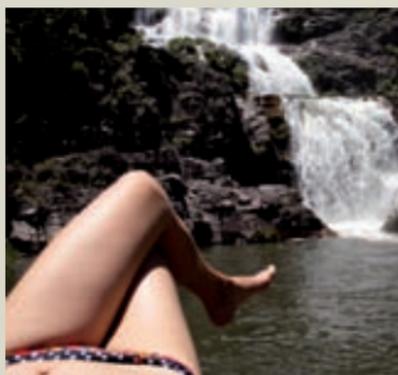
Preserve o meio ambiente. Apesar de rústico, o Cerrado é um bioma sensível. Seja cuidadoso com plantas, animais, com a pureza das águas e com as pedras. Onde você está passeando é lugar de moradia e de alimentação dos bichos.

Valorize os guias. Não deixe de contratar um guia local. Assim você contribui para a renda das famílias, retribui a hospitalidade, não se perde nas trilhas e evita perigos.



Ana Mendes

Respire fundo. Sinta-se em sintonia com o lugar. Relaxe. Ouça os barulhos das águas, da floresta, escute as diferentes vozes dos animais, o som do vento.



Ana Mendes

Não alimente animais. Interfira o menos possível no ambiente. Os animais podem ficar doentes.



Flávio Noronha

Não faça fogueiras. O fogo espalha-se com muita rapidez, especialmente em períodos de seca no Cerrado.

Aprecie novas culturas. Respeite as diferenças e aprenda com a diversidade.



Werverson Paulino

Observe. Seja curioso, descubra novidades. Aprecie arte, jeito de falar, modo de viver a vida.

Mexa-se. Não tenha preguiça. Não perca a chance de conhecer o que está a sua volta.



Ana Mendes

Faça amigos. As viagens são ótimas oportunidades de conhecer pessoas. Seja gentil.

Já é lema. Leve somente fotos, deixe somente pegadas. O turista inteligente não arranca plantas ou pedras pra levar pra casa nem deixa lixo. Respeite a natureza.

Cuide do planeta. A Terra é o lugar em que moramos. É nossa nave espacial, e precisamos dela para viver.

Não acelere. Nas estradas, evite atropelamentos de pessoas e de animais. Lembre de ser gentil também ao volante.

Clima

No Planalto Central, são apenas duas estações com características extremas, marcadas pela chuva e pela seca. A estiagem ocorre no trimestre junho-julho-agosto. Os meses de maio-setembro-outubro podem ser considerados de transição, e as chuvas são fartas, distribuídas entre novembro e março. **Maio é especial, momento de exuberância das flores.**



A seca

A estação merece olhar apurado. Descubra os seus marrons, cinzas, os tons de poeira, os pálidos. Flores, frutos, troncos, volumes, relevos, formas instigantes.

Cristina Ávila





Cristina Ávila

“A palavra sertão tem etimologia próxima a de desertos, desertonis, no latim vulgar.”

Paulo Bertran

A sensação térmica depende de uma combinação: temperatura, umidade relativa, pressão do vapor, ventilação e radiação solar.

Cuidado com a desidratação e os danos à pele.



Cristina Ávila

**Imite as mocinhas de Cavalcante.
Elas usam sombrinhas
pra se proteger do sol.**

Clima

Chove

*Demora. E, quando chega, rompe em deságue babilônico. Cai em abrutamento desmesurado. O manso colossal céu do Planalto torna-se bronco. Grave cor-de-chumbo. De fascínio e de ameaçador enlevo. São perigosos e bonitos os dias de nuvens carregadas de pedras e de raios. Espetacular austeridade torrente, **temporal**.*





Ana Mendes

Antes de as primeiras chuvas chegarem no Cerrado, aumenta o nível de umidade do ar, e em algumas espécies de árvores despontam brotos, anunciando que logo virão as precipitações. Os passarinhos começam a cantar em algazarra, fazendo piroetas no ar, ficam inquietos e felizes com a mudança na natureza.

A primeira chuva já transforma em verde tudo o que estava tórrido. O aguaceiro é fantástico e passa a ser diário em certos períodos. **Em toda a região da Chapada dos Veadeiros, podem ocorrer cheias repentinas nos rios e nas cachoeiras, porque, mesmo antes de a chuva chegar aos locais de banho, já começa a cair nos morros e nas nascentes; acumula-se e invade áreas onde os turistas se divertem.**

O fenômeno pode assustar. É mais um motivo da necessidade de guias, que conhecem a natureza e oferecem tranquilidade aos visitantes.

Nessa estação, há ocorrência frequente de dias nublados, ótimos para as longas caminhadas exigidas para se chegar aos melhores lugares – ainda praticamente virgens, intocados, ainda puros, a serem desbravados com o olhar ávido e atrevido de quem ama a vida selvagem. **Porém, para passeios mais longos, é preciso antes buscar informações com os guias e os agentes de viagens, pois muitas vezes os rios e os córregos invadem estradas de chão nas zonas rurais do município.** Há carros traçados próprios para enfrentar dificuldades, mas em certos dias o trânsito pode ficar impossível. Existem, entretanto, muitos roteiros alternativos. **Explore outros caminhos.**

Planeta Água*

Cavalcante tem mais de cem cachoeiras. A melhor época para desfrutá-las é entre maio e setembro/outubro, na temporada de seca, quando as águas estão mais baixas. Em quase toda a região, saindo das principais rodovias, o trânsito é por estradas não pavimentadas, com pouca ou nenhuma sinalização. Para chegar às cachoeiras mais próximas à cidade de Cavalcante, geralmente grande parte do trajeto pode ser percorrida em carros comuns, mas há locais difíceis de chegar, até mesmo em veículos traçados. Para informações, contrate guias.

No período chuvoso, além de apreciar os monumentos naturais e a vegetação mais verde, os visitantes podem também observar o plantio e a produção da agricultura familiar, especialmente nos quilombos Kalunga.

Cachoeira Veredas



9 km da área urbana de Cavalcante. Percorrem-se aproximadamente 1.500 m por trilha e 500 metros entre pedras e rio.



Paisagem exuberante, com aproximadamente 90 m de queda, com poço propício para banhos e um lindo cânion com paredes enormes e vegetação rupestre.



4 horas.



Difícil.

Cachoeira Poço Encantado



10,7 km da área urbana de Cavalcante. Cerca de 3 km por trilha.



Belas formações rochosas, ótimo poço para banho e linda cachoeira.



5 horas.



Difícil a moderado.

Cachoeira Véu de Noiva



12 km da área urbana de Cavalcante. Cerca de 5 km em trilha.

O guia pode indicar trilha feita por bandeirantes e escravos.



No topo da Serra Santana forma-se uma linda cachoeira de aproximadamente 15 m, com um bom poço para banho.



6 horas.



Difícil.

Cachoeira Barroco



11 km da área urbana de Cavalcante. O acesso é por estrada pavimentada pela GO-241. Há ainda um trecho de 4 km de estrada não pavimentada e outros 800 m de trilha.



Formada pelo Rio das Almas, a cachoeira, com aproximadamente 40 m de queda, possui ótimo poço para banho e locais para descanso.



4 horas.



Fácil

* Para conhecer cachoeiras dos quilombos, leia Planeta Água na página 42.

Ponte de Pedra

12 km da área urbana de Cavalcante. O acesso é por 9 km de estrada não pavimentada e cerca de 2 km a pé.



Formações rochosas intrigantes, com arco natural imponente, atravessado por pequeno rio.



5 horas.



Difícil.

Cachoeira Renascer



12 km da área urbana de Cavalcante, com acesso por 9 km de estrada não pavimentada e 1.700 m a pé.



Poço com boa extensão e profundidade. Há a possibilidade de práticas de aventura no local, como rapel.



3 horas.



Fácil a moderado.

Cachoeira São Bartolomeu



3 km da área urbana de Cavalcante, na Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Vale das Araras, o acesso é por 2,5 km de estrada não pavimentada e 1.700 m de trilha.



É possível passar por lavras antigas de ouro e desvio do rio para a lavagem de minério, uma das riquezas históricas da região.



4 horas.



Fácil.

Cachoeiras Rio do Prata



63 km da cidade de Cavalcante. O complexo é formado por mais de dez cachoeiras, com trilhas de percursos fáceis a difíceis.



Reserva belas paisagens, com vários poços propícios para banhos e vegetação muito preservada.



5 horas.



Fácil a difícil

Cachoeira Ave Maria



Na Serra de Santana, próximo ao mirante da Nova Aurora, a 14 km da cidade de Cavalcante, com trilha de aproximadamente 300 m que leva a lindo cânion.



A cachoeira tem queda de 120 m.



2 horas.



Fácil.

Parque Municipal do Lava-Pés



Bem próximo à zona urbana de Cavalcante, percorre-se 200 m a pé.



O Parque Municipal do Lava-Pés recebeu esse nome em função do córrego que o corta. Com aproximadamente 510 hectares, tem duas pequenas cachoeiras com poços para banho e grande acervo histórico com lavras de ouro e muro de pedras feito por escravos. Entre os principais atrativos estão as Cachoeiras do Lava-Pés e do Amor.



2 horas.



Fácil.

Mirante da Nova Aurora



11 km da cidade de Cavalcante.



O mirante fica no topo da Serra da Ferradura, tem vista para a Serra da Boa Vista, Vão do Rio das Almas, Serra Santana e Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. O local já foi utilizado como rampa para voo livre.



30 min.



Fácil.

Mirante do Vão do Rio Claro



Na Serra Santana, a 11 km da cidade de Cavalcante .



Descrição: grande vista para o Vão do Rio Claro, à esquerda está o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, e à direita, o Vão dos Órfãos.



30 min.



Fácil.



Para além dos cinco sentidos

Priscila Bernardes Álvares*

Viajar é sentir! Sentir em nossa alma qual é a alma do lugar que visitamos. É sair da rotina e se envolver com um novo lugar e seu povo. Para isso, os cinco sentidos – audição, olfato, paladar, tato e visão – propiciam nosso relacionamento com o meio e, a partir deles, nosso corpo percebe o que está ao nosso redor.

Os turistas devem estar preparados para maximizar as funções dos cinco sentidos e experimentar **o que há de mais sertanejo e cultural no interior de Goiás.**

Ser turista é proporcionar a si mesmo a oportunidade de ser aprendiz de novos olhares, de novas vivências, de outras culturas, de sabores, odores. Ter a certeza de que somos parte de um todo chamado planeta Terra, porém habitamos em lugares diferentes.

Ser um viajador que se interessa para além das belezas naturais e que busca, dessa maneira, fazer novas descobertas e aprender alguma coisa, é o que distingue um **turista responsável** de um “turista vazio”. É o grau de fascinação que o primeiro tem em relação à problemática do espaço, da cultura e do território que visita que o fará ser um sujeito transformador do seu próprio “eu” e do lugar que visita. Um grau de fascinação com sensibilidade aos problemas sociais, acompanhado do interesse sobre a realidade local e um novo olhar sobre a vida das pessoas que nos acolhem como turistas pode ser a grande chance de haver o verdadeiro encontro com o outro: turistas e autóctones.

Uma nova ética impõe-se diante de nossas viagens.

Para que isso aconteça é importante **vivenciar de alguma maneira a composição social daqueles que vivem nos lugares visitados, olhar com interesse e curiosidade** o lugar que nos cerca. O olhar do turista deve ser investigativo, sensível, observador e, sobretudo, um amplo olhar do lugar visitado.

* Priscila Bernardes Álvares é mestre em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília e bacharel em Turismo.



Ana Mendes

Compreender o turismo como uma fonte múltipla de revitalização demográfica, econômica, patrimonial e cultural, em que a afirmação cultural e a interculturalidade, o “encontro” como condição essencial e os compromissos éticos entre os moradores, os turistas e o lugar são, certamente, descobrir a própria essência de ser turista.

Como turista do sertão goiano, explore-se. **Conheça, além das belezas naturais, as belezas de um povo especial por suas raízes, sua história, seus cheiros, seus sabores, seus temperos, suas cores e, impreterivelmente, por sua raça.**

Ao turista de Cavalcante, nas palavras de Rosa para o Sertão...

“Ah, e se não fosse, cada acaso, não tivesse sido, qual é então que teria sido o meu destino seguinte? A gente se encostava no frio, escutava o orvalho, o mato cheio de cheiroso, estalinho de estrelas, o deduzir dos grilos e a cavalhada a peso. Dava o raiar, entreluz da aurora, quando o céu branquece. Ao o ar indo ficando cinzento, o formar daqueles cavaleiros, escorrido, se divisava. E o senhor me desculpe, de estar retrasando em tantas minudências. Mas até hoje eu represento em meus olhos aquela hora, tudo tão bom; e, o que é, é saudade.”

Festas

Alegria, alegria

Sempre tem alguma festa em Cavalcante. Na praça principal rolam as notícias sobre as novidades da semana.

Tem bares, petiscos, um pastel bom e barato. Inclusive uma cerveja artesanal se faz por lá. Sanduíches e comidinhas da melhor qualidade nos recantos naturebas, em que a moçada se reúne. O povo é receptivo.

O ano é recheado por festivais de música clássica, cinema. Mas é bom ficar de olho, pois nem sempre acontecem com a mesma frequência. A cidade tem artistas e muitos shows inspirados no Cerrado ou na Mãe África.

No calendário anual e garantido, estão as festas religiosas – que acontecem às dezenas nos quilombos e na área urbana, juntando gente pra rezar, cumprir rituais, beber, comer bem e depois cair no forró.

Uma festa que se torna cada vez mais organizada e regular é o **Carnaval**.



Com blocos na rua, brincadeira pacífica, desfiles, shows de bandas, trio elétrico, charanga, bateria.

E é **papo-cabeça**:

O Bloco dos Pé Inchado começou em 1996, com mensagem ecológica: *“Vamos juntos preservar/nossas nascentes nossas matas nosso ar/canaviais devemos conservar/prá lambicar pinga boa pra tomar”*.

Em 2001, veio um bloco anarquista: *“Ninguém escapa do Só nós e mais ninguém”*.

O Bloco Kalunga contagia o público com bonecos e com a Trupe da Terra, grupo de teatro criado em 2010 que apresenta alegorias e a tradicional dança da Sussa. *“Chacoalha, chacoalha, chacoalha!!! Trazendo o Imperador”*.

O Unidos do Lava-Pés também tem a preservação ambiental e a cultura local como temas. *“Os vaga-lumes vão pra noite que beleza! De luz acesa, de luz acesa!”*



Cristina Ávila

Restaurantes em Cavalcante

▶ **Pizzaria Encantos da Chapada**
(62) 9959-5233/ (61) 9917-6881

▶ **Pizzaria Guia do Cerrado**
(62) 3494-1047

▶ **Pizzaria Mestre Ninfa**
(antiga Pizza Roots) (62) 9672-1718

▶ **Lanchonete e Pizzaria Dona Benta**
(62) 3494-1212

▶ **Bar da Hélio**
(62) 3494-1528

▶ **Miros Bar e Restaurante**
(61) 9634 8342

▶ **Creperia Pôuso de Folia**
(61) 9683-1701

▶ **Cervejaria Artesanal Aracê**
(62) 9804 2501

▶ **Espaço Pote de Ouro e Empório**
(62) 9917-4016

▶ **Restaurante Flor do Cerrado**
(62) 9634-1079

▶ **Restaurante Maxi**
(62) 3494-1607

▶ **Restaurante Sol da Chapada**
(62) 3494 1372

▶ **Restaurante da Rosa**
(62) 3494-1556

▶ **Restaurante RLeis**
(62) 9989 4720



“ Dei cinco galão de feijão na minha primeira sanfona. Essa sanfona acabou; e dei um cavalo noutra. Andei muito de cargueiro, pulando pedra, pra tocar nas romaria Kalunga”

Festas

Parceiro, barbeiro

Há música nos bares, na praça e na barbearia do Parceiro. É ele o sanfoneiro Edesio Souza da Silva. Onde está, promove movimento...

“ Eu vim praqui em 1976, dia 15 de julho. Sabia tocar sanfona oito baixos, pé-de-bode. O povo Kalunga me acolheu. Na região toda de Cavalcante não tinha tocador. Comecei a cortar cabelo, ambulante, em 77. Vim de Correntina, Bahia. Até hoje exerço a mesma função. Ganho o pão no toque e no salão.

Fui a primeira pessoa que inventou o anúncio de corneta de som ligada na bateria do carro na região; anunciava festa e aniversário. Nesse tempo, era dado, não ganhava dinheiro, não. Fazia por gostar. Toquei em casamento de povo que já tem bisneto véio.



Cristina Ávila

Aprendi de ouvido. Toco sertanejo, forró pé-de-serra, guarã-na, samba com letra minha. Inventava sussa, lundum, catira, com os kalunga. Eles batendo em buraca de couro e eu na sanfona. Inventando curradeira. Levantava poeira 20 metros de altura do chão. Era muito cavaleiro nos festejos, na Caçada da Rainha. Eles iam a cavalo, de peruca, careta, vestindo saco de linhagem. Eu, atrás, tocando sanfona. ”

Edésio Souza da Silva, 58 anos, músico e barbeiro, conhecido como “O Parceiro”, morador de Cavalcante.

“Canto em casamento, aniversário, em bar; pra onde me chamar eu vou. Ganho o pão no toque e no salão.”

Muita energia

Cavalcante é deslumbrante. Cânions, águas verdes, matas, campos, animais, gente interessante. O município tem as mais bonitas e extensas áreas de cerrado preservadas de Goiás. Quedas d'água fascinantes, chapadões que convidam aos esportes radicais.

Os passeios são próprios para pessoas que gostam dos cenários naturais, para todos os gostos – dos mais fáceis aos mais longos e difíceis caminhos. As trilhas não têm passarelas ou qualquer infraestrutura. As águas são limpas, e a mata, preservada.

Na cidade tem vários profissionais experientes com veículos 4 x 4 e pacotes de turismo, como rapel, cachoeirismo, canionismo, mergulho, snorkeling. Muita gente que conhece o lugar como a palma da mão e está pronta para dar sugestões sobre atividades.

Dicas

Comidinhas para um passeio de poucas horas

- ▶ Água
- ▶ Batata cozida
- ▶ Ovo cozido
- ▶ Frutas secas
- ▶ Frutas frescas
- ▶ Amêndoas
- ▶ Biscoitos
- ▶ Peixe enlatado
- ▶ Pão
- ▶ Cenoura crua
- ▶ Barrinhas de cereais
- ▶ Chocolate
- ▶ Leite condensado em caixinha

Paulo Renato Franco/Toca da Trilha/Divulgação



Duas operadoras são legalmente regularizadas em Cavalcante:



Suçuarana Roteiros e Expedições

Fone: (62) 9677 1218

Skype: cleyton.ogura

MSN: cleyton_ogura@hotmail.com

www.chapadaveadeiros.com.br

www.chapadaveadeiros.travel



Toca da Trilha

Fones: (62) 3494 1579 /

9801 8598 / 9206 3124

www.tocadatrilha.com.br



Araí Turismo e Consultoria

Fones: (62) 3494 1508 /

3494 1154 / (61) 9839 5598 /

(62) 9933 1457

contato@araiturismo.com.br

www.araiturismo.com.br

Cuidado com o fogo

Os moradores do planeta Terra têm o dever de protegê-lo. Os apreciadores dos esportes radicais, mais ainda. Portanto, informe-se sobre as regras dos lugares visitados. E lembre-se: o fogo é um perigo que se espalha rapidamente. Se a vegetação do Cerrado é resistente, a fauna não é. Em incêndios, os animais morrem em sofrimento. E os que sobrevivem têm dificuldades de encontrar abrigo e alimentos.

A área original do bioma no Brasil é de 204 milhões de hectares, mas já foram perdidos 47,84% até 2008. Em setembro de 2010, o Ministério do Meio Ambiente criou o Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento e das Queimadas no Cerrado. Mas não bastam ações de governo, as pessoas precisam de educação ambiental. O fogo alastra-se especialmente devido a queimadas de lixo e de áreas para agricultura.

Leve somente fotos, deixe somente pegadas. Cuidado com o lixo. As plantas e pedras bonitas devem permanecer em seu lugar.



Ana Mendes

Terra quilombola

A lua oval disforme vai crescendo, inchando até o ápice de sua redondeza luzente, leitosa, a amainar a escuridão das madrugadas cerratenses. Repousa solene no céu, apagando estrelas, reinando imperiosa. Segue-se, então, o ciclo, e ela vai se recolhendo, mingando até virar sobejo fio de luz e mergulhar na noite sem deixar vestígio.

Sob a terra, as sementes grávidas de renovo, dóceis à energia cósmica. *O reino de Deus é assim, como se um homem lançasse semente à terra, e dormisse, e se levantasse de noite ou de dia, e a semente brotasse e crescesse, não sabendo ele como (Mc 4.26).*

Os Kalunga devem respeito aos generosos comandos da natureza. São guardiões de valioso germoplasma – feijões, diferentes tipos de arroz... – herança dos ancestrais, chegados a Cavalcante há trezentos anos. Homens e sábias matriarcas contam que a observação da lua é importante para o plantio, para a construção das casas, para a pesca, para tirar a palha de fazer telhado, para tirar madeira, tirar a taboca ou fazer toicinho.

Constatações lógicas comprovadas no cotidiano prático. “A lua nova não é boa pra colher. A palha dá lagarta, a madeira e o feijão dão caruncho, o arroz dá borboleta. É trabalho perdido. A batata, a cana, a mandioca amarga. Pode ser mandioca doce, fica margosa. Plantar é bom na minguante, colher é na crescente. Na lua cheia é bom pra tirar polvilho, pra tirar tapioca, não dá borra, mancha escura. Na lua cheia, fica limpa.”

O tempo das águas determina o calendário do trabalho. Na seca, as mulheres batem os pezi-nhos no chão, na dança da Sussa, a rodar saias floreadas, mulheres, homens, crianças, ritmo de tambores africanos a clamar por chuvas. O tempo das colheitas promove festejos.

Geografia

O Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga tem 237 mil hectares, que ocupam os municípios de Cavalcante, Terezina de Goiás e Monte Alegre, na Chapada dos Veadeiros. Tem cerca de 3 mil famílias que vivem em quase uma centena de povoados localizados em núcleos: Vão da Contenda ou Kalunga, Vão do Moleque, Vão de Almas, Ema, Diadema, Salinas e Congonha



Cristina Ávila

Sabedoria ancestral: Com o tingui se faz um sabão espumoso, que deixa a roupa branquinha



Cristina Ávila

Kalunguinhas cruzam conhecimentos tradicionais com o que aprendem na escola. Celular na mão, acesso à globalização... Nos vãos, onde o sinal de comunicação rareia, eles marcam os pontos onde a recepção é boa.



Turismo sustentável

Seu Sirilo dos Santos Rosa é um dos Kalunga mais conhecidos dos quilombos. Alto, corpo magro e forte a exibir 65 anos de lida. Mora no Engenho II e é liderança há mais de vinte anos. Os homens e as mulheres mais velhos das comunidades negras de Cavalcante são donos da sabedoria das sementes, milhares de vezes jogadas na mesma terra, conhecem a ecologia do lugar onde vivem, a influência da lua sobre a colheita, o poder das ervas e dos alimentos sobre o corpo humano, a biologia do quilombo. “A produção é orgânica. Arroz, milho, feijão, abóbora doce, batata. A irrigação é a chuva. Se planta de outubro a começo de março, na lua crescente ou minguante. A nova dá broca, lagarta, e acaba tudo. Colher é na crescente. Na nova, caruncha todinha a safra.”

O conhecimento de Sirilo vai cada vez mais longe. Ele está interessado em saber sobre os novos conceitos de desenvolvimento sustentável. “Já temos bom potencial de condutores de visitantes. Estamos nos unindo e nos capacitando para receber os turistas. Os guias já estão preparados para atendimento de primeiros socorros, para condução nas trilhas evitando os perigos da natureza.”

Quem chega pela primeira vez pensa que os caminhos são fáceis, mas não são. Seu Sirilo conta que já precisou resgatar



peças que tentaram se aventurar pelas matinhas do Cerrado e acabaram se perdendo. Contratar guias é segurança e questão de consciência. **O turismo consciente é um modo de preservação da natureza e também alternativa para a sobrevivência física e cultural dos Kalunga.**

Retribua a gentileza do povo que o recebe em casa. As comunidades permitem que você se divirta, fique à vontade, mas com responsabilidade. Sua conduta no passeio é além de tudo uma postura política. Aprecie o lugar e contribua para que as comunidades garantam o desenvolvimento sustentável que desejam. O turismo é importante para os jovens que constroem seu amanhã, na escola e na terra de seus ancestrais.

Os Kalunga recebem os visitantes em casa. A estrutura e a organização estão ficando cada vez melhores. Eles oferecem bom café, os pratos típicos que cozinham caprichosamente, biscoitos, e é possível pernoitar na casa de algumas famílias. Oferecem guias para passeios a pé, de bicicleta, a cavalo ou de mula. Os animais são os mesmos que utilizam na lida diária, mansos e às vezes ligeiros. Vale a pena experimentar até pequenas viagens. É conveniente agendar com antecedência.



Cachoeira Santa Bárbara



A 26 km de Cavalcante, o acesso é feito por estrada não pavimentada. Percorre-se aproximadamente 6 km a pé ou burro em trilha.



Com duas cachoeiras no local, a primeira é menor que a segunda, porém todas possuem poços de águas azuis, beleza incomparável.



4 horas.



Moderado

Planeta Água

O território Kalunga tem recantos paradisíacos. As águas impressionam os visitantes. Azuis, verdes, cristalinas, sedutoras, quedas múltiplas que jorram em conjunto, pocinhos para banho, trilhas longas, curtas, algumas fáceis de chegar e outras para quem aprecia os caminhos penosos e deslumbrantes.

Cachoeira Capivara



A 22 km de Cavalcante, o acesso é feito por estrada não pavimentada até a comunidade do Engenho II. Percorre-se aproximadamente 1,5 km a pé ou em burro.



Diversos poços para banho e um lindo mirante para serras no início do Vão de Almas.



2 horas.



Fácil.

Cachoeira Candaru



A 25 km de Cavalcante, o acesso é feito por estrada não pavimentada. Percorre-se aproximadamente 7 km a pé ou burro em trilha.



Cenário de grande imponência, com sequência de quedas que totalizam em uma cachoeira de aproximadamente 70 m, com diversos poços de água verde esmeralda. Ótimo para banho.



5 horas.



Difícil.

Funil do Rio das Almas



Localizado entre as Serras da Boa Vista e da Ferradura, a aproximadamente 16 km da cidade. Acesso em parte por veículo, em estrada não pavimentada, e em parte por trilha.



Um grande cânion cortado pelo Rio das Almas formando diversas cachoeiras até chegar ao Vão de Almas.



1 a 2 dias.



Difícil.

Funil do Paranã



A 140 km de Cavalcante, o acesso é feito por estrada não pavimentada. Após chegada ao Vão de Almas pode-se percorrer cânion em embarcações alugadas pelos Kalunga.



1,5 km de rio, passando por paredões e praias.



Pernoite.



Moderado.

Cachoeira Curriola



A 140 km de Cavalcante, o acesso é por estrada não pavimentada. Após chegada ao Vão do Moleque percorrem-se aproximadamente 2 horas a pé ou de burro.



Poço de água calma e azul turquesa com aproximadamente 20 m de profundidade e linda cachoeira.



Pernoite.



Difícil.



Cleyton Ogura/Suçuarana Expedições/Divulgação

Cachoeira Cantagalo



A 140 km de Cavalcante, localizada na travessia entre as comunidades do Engenho II e Vão do Moleque.



Linda queda em cânion. Necessita pernoite com os Kalunga.



Pernoite.



Moderado a difícil.

Dedo do Moleque



A 140 km de Cavalcante, o acesso é feito por estrada não pavimentada. Após chegada ao Vão do Moleque, percorre-se aproximadamente 3 horas a pé em trilha. Não é possível ir de burro, pois o terreno é íngreme.



Após difícil caminhada, o turista irá chegar a um mirante natural, onde é possível descansar, lanchar e apreciar uma das vistas mais altas da comunidade Vão do Moleque.



Pernoite.



Difícil a moderado.

Eixo do Paranã



A 140 km de Cavalcante, o acesso é feito por estrada não pavimentada. Após chegada ao Vão do Moleque, percorre-se aproximadamente 8 km a pé ou de burro.



Durante a caminhada é possível ver a paisagem montanhosa, com possibilidade de passeio de barco. O rio é largo, propício para pescar e acampar.



Pernoite.



Moderado.

Águas termais – Fazenda Caldas



Na travessia entre as comunidades do Engenho II e Vão do Moleque. O acesso é por estrada não pavimentada e mais 1 km a pé ou de burro.



As águas termais têm a curiosa característica de não deixar as pessoas afundarem. São mais visitadas de maio a dezembro, no período de clima mais frio.



Pernoite.



Moderado.



Festas religiosas

A casa cheia cheira a cravo e rosa

— É feliz aqui. Tem bastante criança — diz Maria dos Santos Maia. Ela conta uns 60... 64 anos. *“Deus vos salve, Maria, esposa do Espírito Santo!”*

É ladainha, 20 de janeiro, Dia de São Sebastião. A comunidade do Engenho II movimenta-se, de casa em casa, nas casas de quem prometeu reza e recebeu graça. É uma confiança que a pessoa tem com o santo. Um agradecimento da bênção recebida, do milagre. As mulheres pedem proteção pra os pais, mães, filhos, para os professores e para os alunos. Para os rebanhos, para as lavouras. Protegendo tudo contra a enfermidade, contra as pragas, os insetos. Pedem para o santo. Pedem também pelo nosso Brasil. *“Meu São Sebastião, com a sua casa cheia, cheira a cravo e rosa e à flor de laranjeira. Que santo é aquele que vem no andar. É São Sebastião e mais o Nosso Senhor.”*

Aí vem a hora dos biscoitos e das bebidas oferecidos pelos donos da casa. *“Quando a boca mexe, a barriga espera”,* ri dona Maria Maia.

Ana Mendes



Vosso reino

Bandeiras, mastros, sinal-da-cruz, imperadores com cetro que concedem bênçãos aos vassallos, anjos da guarda, velas, ladainhas, novenas, cavaleiros. Simbioses religiosas, rituais sagrados. Depende do lugar, da data comemorativa.

De casa em casa, reza-se. Ou se constroem moradas provisórias – povoados de palha que serão logo abandonados, mas vão durar até a próxima festa. São muitas em todo o quilombo. Algumas grandes – São João, em junho, no Sucuri; Império do Divino e a Romaria ou Império de Nossa Senhora Abadia, em agosto, no Vão de Almas; e a Romaria do Moleque ou Império de São Gonçalo do Amarante, em setembro, no Vão do Moleque.

O povo chega caminhando ou em lombo de animal. Chega de canoa. Reza a ladainha na capela. Alvoradas pela manhã. Casamentos de pares que se enamoraram no rastro das festas de anos anteriores. Procissões na véspera da saída dos Impérios, convidando para o dia seguinte.

Noite iluminada por gravetos nas mãos da romaria silenciosa. O Imperador dá comida, bebida, forró. Tem o bolero típico dançado. No levantamento de mastro se bate a sussa. Caixa, zabumba, buraca, pandeiro, violão. A bandurra, de cordas, feita com buriti, cabaça e pau de sambaíba, tocada por crianças.

Príncipes, anjos, capitão do mastro, mordomos, alferes da bandeira, dono da espada, alferes da adaga. Onde falta energia elétrica, usa-se gerador, para não faltar a cerveja gelada, o guaraná. E se come carne, muita carne.

Palmas. O sapa-teado forte dos homens. Os pezinhos na dança miudinha e esvoaçante das mulheres.



A cozinha da dona Getúlia



Para nós, as tarefas são inúmeras. Apurar o arroz, limpar no pilão, descascar mandioca, fritar uma banana. O turista chega, deixa o almoço encomendado, quando volta tá pronto. Arroz, feijão, carne, abóbora.

Tudo que é feito desse fubá é gostoso demais. Se faz do milho. O fermento é caseiro. Tio Lourencinho morreu aos 96 anos, com dentes naturais, sem falha. A alimentação é boa. Usamos óleo de coco, peixe, a farinha do Vão de Almas. Mãe Joana viveu até os 115 anos.

Se a pessoa sente uma dor, gripe, febre... tem comida que não pode comer. Tem que ter dieta. Gripe não pode coisa de natureza de frio, mesmo que quente. Chuchu, batata, inhame... e tem várias frutas... lima, banana... o temperamento dela é fresco... tem qualidade menos ofensivo. Coco maduro, de todas as qualidade, é bom pra gripe. Água de coco, não. Amendoim torrado é bom.



Renata C. Martins





LINDA KALUNGA

Carne seca pendurada em varais. Os Kalunga apreciam muito a carne vermelha

Ana Mendes

Terras de cultura

A despensa kalunga é quase totalmente abastecida pelo que as comunidades cultivam. Não usam adubos químicos nem agrotóxicos.

Tem que plantar, colher, conduzir, guardar. O arroz fica guardado até três anos na casca.

“O pessoal não gosta de bolo de fora. Também não gosta de óleo de soja. Tem confiança na banha de porco. Pra quem não se esforça pra suar é que faz mal. Aqui se pega machado, carrega peso nas costas. Até as crianças têm força e sobem uma serra dessa brincando”, conta o guia Zé Preto, que mora no Engenho II.

As roças estão vicejando de arroz. Ficam nas áreas de terra roxa, que eles chamam de “terras de cultura”. Longe das casas.

Os kalunga ficam uma semana, duas, morando em casas de palha, provisórias, quando têm serviço de roça. Tem roçado que fica até 14 km longe de casa. “É a nossa vida, o ano inteiro”.

Zé Preto usa borralho do fogão na horta pra evitar praga. A mata preservada também ajuda a afastar insetos das lavouras. E o adubo eles também prepararam do jeito tradicional.

“Aqui o alimento é puro, é limpo. O sabor do nosso arroz é diferente. O nosso tem goma, tem leite.”



Cristina Ávila

BRUMAS E RECORDAÇÕES

Edilberto S. Dias Campos*

Chovia há vários dias, o que sempre acontece nos meses de verão. Os regos tornaram-se riachos, estes transformaram-se em rios caudalosos, as veredas afloravam por quase todas as encostas das serras e os grandes rios agora eram maiores, verdadeiros gigantes que imperavam nos vales, alargando-se e invadindo sem dó todas as planícies.

Transitar exigia habilidades de desbravadores: andar, escalar, cavalgar, dirigir veículo com tração nas quatro rodas (de preferência quase anfíbio, pois não existem pontes). Entre um temporal e outro, nas frestas das nuvens, aparecia um céu azul sem fim (foi a primeira vez que vi um arco-íris triplo).

Todos os lugares do imenso território são plenos de mistérios. E, quando chega o tempo das águas, escondem ainda mais seus segredos. Chuvas persistentes, que chegam de todas as direções, fazem desaparecer a grandeza das paisagens, ocultando serras, encostas, trilhas. Acompanhando os ventos fortes, chegam os murmúrios das recordações escondidas nas grotas dos pensamentos dos velhos Kalunga e os ecos das vozes do passado de lutas, fugas, esconderijos, resistências, sofrimentos e de conquista da liberdade.

Orientar-se nos caminhos das memórias coletivas dos Kalunga é como vencer os mistérios que a natureza esconde nos vãos, nos leitos dos rios e nas infinitas dobras dos terrenos. É como observar a paisagem que as brumas escondem e, quando menos se espera, insinuam cenários e acontecimentos. Somente um explorador mais preparado consegue perceber os muitos vestígios que existem no local, mas que não se mostram a qualquer um. Foi assim que aconteceu a breve expedição para localizar as pedras mó do Engenho II, depois de dias esperando a permissão da natureza e ouvindo os relatos dos patriarcas Jovino e Sirilo.

O nome do lugar remete a indagações: Quando e onde foi instalado? O que produzia? Qual a matéria-prima? Onde comercializava? Quanto tempo funcionou? Quem trouxe esse empre-

* Edilberto S. Dias Campos é professor licenciado em História e mestre em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade de Brasília.

endimento para este local com tanta dificuldade de acesso? Era um negócio formal ou informal? Qual a tecnologia? Qual o tipo de energia que movimentava suas engrenagens: humana, animal, ou motorizada? Onde está o Engenho I?

As questões despertavam vultos esmaecidos na memória coletiva dos patriarcas, assim como a noite antecipada pela bruma pouco deixava ver nas encostas das serras. Por fim, algo concreto apareceu de modo destacado nas recordações: as pedras do moinho do Engenho II ainda existem, escondidas no mato, onde foram abandonadas depois de uma frustrada operação de furto.

Por isso, durante dias foi discutida a empreitada de expedição. O que aconteceu numa manhã de breve e forte sol de verão, com passos rápidos na trilha até o antigo sítio do Engenho II, lavando os pés nos regatos, escalando encostas pedregosas e desaparecendo na densa vegetação das grotas e do cerradão.

No meio da mata, estão elas: duas pedras polidas, esculpidas em forma circular perfeita, tendo ao centro a cavidade para o encaixe de um eixo. Dois objetos que testemunham a existência de um moinho naquele local e que são preciosos bens do patrimônio cultural dos povos que habitam essa região. Naquele momento, junto às pedras da mó, as brumas das recordações e da chuva Kalunga voltaram densas, desafiadoras e estimulando todos a fazerem o percurso da volta e das indagações.

Cristina Ávila



Diário de viagem ao Vão do Moleque

Ana Mendes*

Coisas ditas

“Melhor rodar uma légua do que atolar uma égua.” Amiran

“O santo cansa a gente né?”

Seu Mochila explicando por que a reza saiu tarde

“Vai festá hoje Amiran?”

Amiran cruzando com uma amiga

“Depois da reza, começa o forró.” Amiran

As pessoas andam pra lá e pra cá que nem formiga carregadeira.” Mochila

“Antigamente, a gente não era chamado de Kalunga, a gente era chamado de mulequeiro. A gente sofria preconceito.” Seu Florentino



Ana Mendes

* Ana Mendes é fotojornalista, formada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Império de São Gonçalo

A maior festa que tem ali na localidade onde estivemos é o Império de São Gonçalo, conhecida como Império ou simplesmente *a festa*. “Quando a gente diz a festa, é essa aí, é porque é a maior.” Dia 10 de setembro começam as missas, dias 12/13 começam a chegar as pessoas de fora (os turistas que vêm do país todo). A festa só termina dia 16, depois que quase 3 mil pessoas passaram por ali.

Todo o ano, no último dia da festa é sorteado o Imperador do ano seguinte. Só os homens casados e comprometidos (com o quilombo, com a tradição) é que colocam seus nomes e sobrenomes para serem sorteados por dois “anjinhos”. No sorteio tem de combinar o nome pego pelo primeiro com o sobrenome pego pelo segundo. Há muitos anos, morreram consecutivamente diversas rainhas, é por isso que ficou no costume sortear somente o nome do homem. A pessoa escolhida tem gastos enormes com a festa e dedica todo um ano para sua organização: “a festa é pesada”.



Ana Mendes

Som

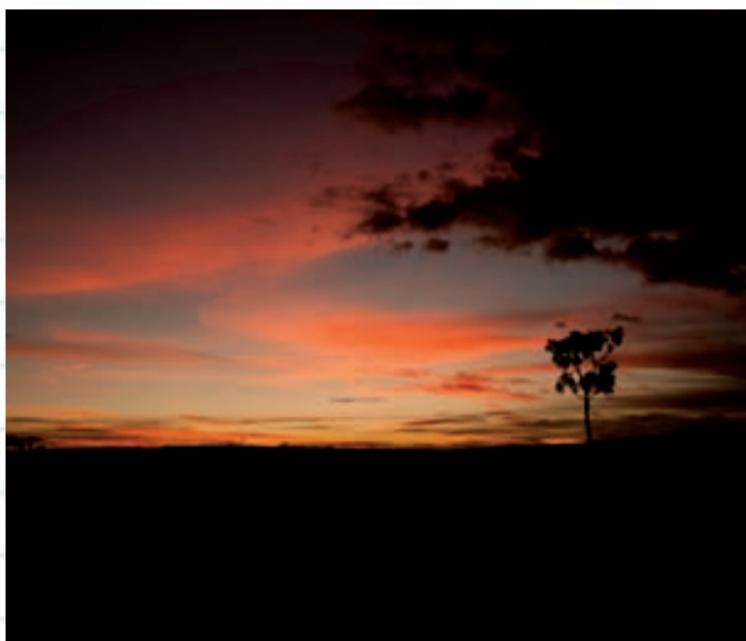
É o tom de voz. É o timbre da risada: “Kalungueiro grita quando fala”, é o desenrolar do raciocínio, o jeito de narrar. É a expressão que eu não entendi, as duas ou três palavras que viram um só cuspe: som.

A hora das ave-marias

Seu Florentino é dono de uma “fazenda” (como eles chamam seu pedaço de terra quilombola) onde há águas termais, e foi por esse motivo que nos encontramos: para que ele me descrevesse o lugar.

Bom contador de causo, Florentino me contou da fenda “da largura dessa porta aqui ó”, onde é possível nos meses de maio e outubro ouvir gritos, choro de criança, gente tocando o gado “oooo boi!!” – “Meu pai dizia que era magia, porque ali morreu muita gente e houve muito sofrimento”.

E os barulhos se ouvem no fim do dia, na hora das ave-marias. “Parece mentira, né?”



A pedra de trovão (truvão)

Seu Florentino entrou na sala trazendo uma pedra nas mãos. Pedra escura, esculpida de um lado – bem lisa e arredondada. Quando menino, achou a pedra no pé de uma árvore e os pais proibiram que ele a levasse pra casa. Porque com a pedra de trovão não se brinca... o raio voltaria no ano seguinte para buscar a pedra. “Daí deixei lá, né?”

Agora, há pouco tempo, vieram e “explicaram” a seu Florentino que a pedra é de índio. “Daí eu trouxe a pedra para casa, mas até hoje tenho medo de dormir com ela debaixo da cama.”

A Sussa

É composta pelos foliões, pelas susseiras e pelo tocador – tocador é que bate a buraca.



Ana Mendes

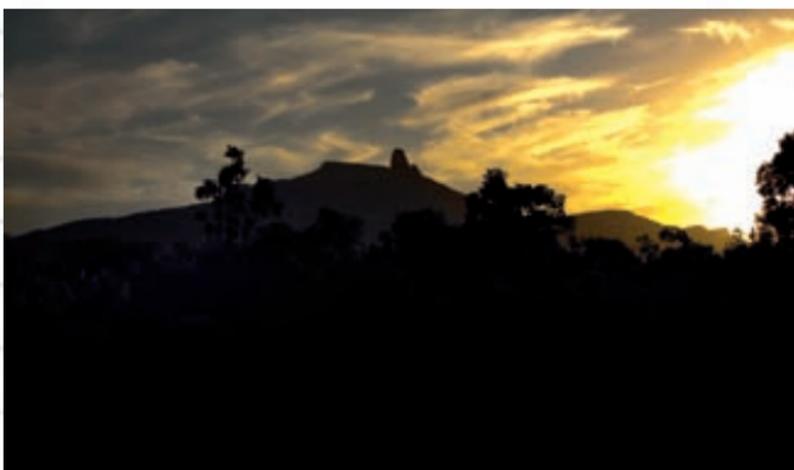
Entre risos e goles de cachaça as mulheres provocam umas às outras em letras de música que avisam “olha, teu marido tem outra...”

O turista vai e vem, o Kalunga fica

Dia 11 de junho saímos de Brasília rumo a Cavalcante para mais uma viagem para completar o guia. Um amigo ligou dizendo que daríamos carona a uma quilombola. A Kalunga que entrou no Fox, em frente ao Teatro Nacional, tinha sorriso largo e riso solto. Depois de alguns minutos de conversa perguntei o nome dela. “Amiran”, e o sobrenome? “Amiran do Vão do Moleque, é eu mesma. Só tem eu.” Foi Amiran do Vão do Moleque que dali pra frente passou a guiar nossa viagem. Na sua comunidade estavam acontecendo os preparativos para a festa de Santo Antônio. Foram 140 km de estrada de chão da cidade de Cavalcante até lá. Se valeu a pena? “Melhor rodar uma légua do que atolar uma égua”, disse nosso anfitrião, seu Joaquim, mais conhecido como seu Mochila, quando chegamos, ao entardecer do dia 12. Planejavamos passar por vários lugares, mas ele fez questão que a gente registrasse a festa e a Sussa na Maiadinha, onde mora.



Ana Mendes



Ana Mendes

Era ele quem corria de um lado para o outro, recebia os visitantes, reunia as mulheres para a reza, conferia se havia roupa para dançar a sussa, se os foliões estavam cumprindo o horário. “O santo cansa a gente, né?”, dizia, satisfeito. As festas Kalunga acontecem durante todo o ano, em datas especiais. É comum cada família construir uma casa provisória de palha ao redor do salão principal e ali vender refrigerante e cerveja. As casas de palha formam um povoado, que permanece armado durante o ano, mas só é habitado nos festejos. A festa do Império, que acontece em setembro, reúne até 3 mil pessoas.

O turismo está chegando às comunidades Kalunga da Chapada dos Veadeiros. E eles estão há anos se preparando para esse momento. Fizeram cursos de formação pela Fundação Banco do Brasil e estão, aos poucos, construindo *campings* e restaurantes nas diversas localidades do quilombo. Há uma certa apreensão no ar. O desejo de receber o turista soma-se ao receio de abrir as portas de casa sem data para fechá-las. Reflexivo, seu Mochila observa os mochileiros que cruzam nosso caminho na estrada e diz “gente é que nem formiga carregadeira, enquanto um vai o outro vem...”.

O turismo cultural está estritamente ligado à valorização do patrimônio material e imaterial dos grupos. Além das belezas naturais e arquitetônicas, é importante atentar para as belezas culturais, e isso inclui a linguagem, o vestir, o comer. O modo kalunga está evidente nos gestos mais simples do cotidiano, no jeito gritado de falar. E nunca é demais lembrar aos turistas de primeira viagem que televisores, celulares e internet são algo corriqueiro entre Kalungas e Kalunginhas. A cultura é algo dinâmico; não ficou estática nos três séculos em que chegaram a Cavalcante. Mas há de se ter cuidado para resguardar tesouros.

Estrada...

Em seus 82 anos de vida, seu Elano Souza aprendeu a esperar pelas nuances da natureza. Espera as chuvas cessarem e permitirem que ele chegue à beira da estrada de chão, onde, pacientemente, permanece – um, dois ou três dias – até o momento em que surja uma caminhoneta de longe que possa levá-lo de carona para a cidade de Cavalcante. **Somente carros traçados e modernos vencem as barreiras do caminho.**

Nos períodos das águas, o **trajeto é cortado por córregos** que escorrem dos morros, às vezes ilhando as pessoas – as chuvas devem dar folga por uns dias para baixar o volume das inundações e possibilitar a passagem. **Nos meses de seca, ficam os buracos nos sobe-e-desce brusco das serras, abrindo grandes gargantas de erosão,** que vez por outra engolem veículos. É imprescindível um motor possante para viajar. Ou será necessário apelar para a ousadia e enfrentar a longa jornada de 120 quilômetros em lombo de burro. Nas horas de doença, se a pressa for grande, algumas distâncias são percorridas com o doente em redes com punhos enganchados numa vara carregada por dois homens.

A comunidade em que mora o velhinho é na entrada do Vão do Moleque, que se estende por muitas léguas adentro do quilombo Kalunga. Elano carrega bagagem para o pouso em Cavalcante, **sem esquecer a matula**, que se resume à uma quantidade de boa rapadura. Ele, como muitos homens, mulheres e crianças que moram em dezenas de comunidades quilombolas, vive situações próximas àquelas vividas por seus antepassados, chegados há trezentos anos ali mesmo naqueles chapadões ao norte de Goiás. **Sem energia elétrica, as noites são iluminadas pela lua e por candeias nas casas de tijolo de adobe**, construído com as próprias mãos amassando o barro, paredes com cobertura de palhas de buriti. A vida se ganha com a força dos braços e das pernas, arrancando alimentos da terra.

Ainda se cultivam hábitos antigos, como fazer **o sabão espumante que se extrai do tingui** para a lavagem de roupas na beira dos rios. **O Cerrado no sítio de patrimônio histórico Kalunga é habitado por gente, por onças-pintadas, suçuaranas, veados, catitus, tamanduás-bandeiras, lobos-guará, aves, aves,**

aves. Um mundo regado por abundantes águas cristalinas, grandemente esverdeadas, que se despençam espetaculares das paredes de pedras.

O desejo de Elano é o desejo de todos os moradores das comunidades locais. O desejo de ver a estrada consertada, com a possibilidade de acolher veículos pequenos que exigem deslizar macio em tapetes de asfalto. O acesso à cidade oferece-lhes atendimento à saúde, educação para os filhos, o sal, a possibilidade de comprar roupas, ferramentas, maquinário. Mas pelo mesmo caminho em que eles podem seguir em conforto para Cavalcante podem chegar as mazelas do mundo lá de fora.

A fertilidade do solo, a extensão da área, os atrativos naturais que encantam visitantes – embora com limites territoriais definidos – não estão livres da cobiça, que já tem os dois pés plantados na terra Kalunga. Cercas novinhas com arames bem esticados e amarrados com a tecnologia que denuncia o poder econômico de invasores expressam intenções. A grilagem é conhecida por aquelas bandas e dá passos largos, passando por cima das fragilidades do povo Kalunga. Os garimpeiros também espoliam o ouro, como antigamente.

Cristina Ávila





Flávio Noronha

Os perigos da natureza

(para ler à noite)

*“Quem conta história de dia,
cria rabo de cutia”,
garantem os Kalunga*

“...rrummm... história de cobra é o que não falta... tem jararaca, cascavel, oio apagado, coral, rabo branco, papa-pinto, tira-peia...

Das feras, o que tem no seco tem na água. As feras da água são jacaré comedor de cachorro... tem no rio Paranã... pega inteligente. Eu tava nadando no meio do rio e ele avançou. Quando abriu a boca, eu mergulhei, que não sou besta. Só pega na flor da água, é que nem sucuri.

Jacaré grande... tem rabo toco, é valente. Só tem medo de ariranha. Quando ela vem, ele se finge de morto. Senão, ela es-traçalha na hora.

Onça só come pessoa se estiver enfezada. Mas não é perigo. Ela come o que achar. Ela já vévi enfezada. Eu tenho medo dela... Se já vi? ... rrammm...

Ainda tem muito bicho por aí. Guariba não tem mais. É uma bichona preta urradeira. Tem jeito de macaco, mas não é macaco. Tamanduá também não vê. O tamanduá meleta também abraça. O grande mata gente depois de abraçar, se não cortar a mão, não larga. E toca a língua no nariz da pessoa...

A onça é um gato. Ela é perigosa. Não tem muito pouca não. Ela carrega qualquer gado. Arrasta pra comer. É a onça o bicho mais forte. O povo tem medo, mas acostumou.

Suçarana, ontem mesmo eu topei com uma no pé da serra. Eu tava campiano um cavalo. Ela me olhô por riba do ombro. Dei um grito nela e ela se foi. Dizem que come gente, mas eu não acredito. Come bezerro. Grande, ela não aguenta. A pintada come. Essa é mais perigosa. Mas eu já segurei ela intê pelo rabo. Montou num cachorro que tava latindo, peguei no rabo e sacudi...

É, ué..."

O relato é de Epifânio dos Santos, kalunga nascido em 1916, morador do Vão do Moleque





O Vão de Almas

– Vaaaaca, vaaaca, vaaaca...

Ele descia a serra a cavalo, berrando. A vaca correndo. Ele correndo atrás. Vaaaaca, vaaaca, vaaaca... Bem ali, quando o Rio Almas ainda se chama Rio Branco, e que depois vai desaguar no Paranã.

Homem, vaca e cavalo, todinhos de ouro puro (!), iam em direção à água e desapareciam no mergulho da noite. O povo do Vão de Almas ouvia. Alguns chegaram a testemunhar a cena que se repetia.

Marta Kalunga cresceu escutando dos mais velhos as histórias do lugar em que o ouro brotava no Pouso do Padre. Nasceu e foi criada no pé da serra e subiu e caminhou muitas léguas para ir às festas do Vão.





Werverson Paulino

Marta tem a pele negra herdada dos antepassados. “Mas tenho um tom de buriti”, gaba-se, mostrando um quê avermelhado no corpo, que diz ser mistura dos avá-canoeiro, os donos da terra, antes de os bandeirantes chegarem.

O Rio Almas atravessa a vastidão do Cerrado preservado, num sobe e desce de chapadas que não acabam nunca. Terra em que homens e mulheres dão duro na fabricação da farinha de mandioca. Farinha boa que segue as estradas custosas, alimentando todas as comunidades quilombolas, até as mais distantes delas.

Cristina Ávila



Ode à reflexão

Ana Mendes

Eu estava trabalhando no interior de Goiás e fotografava o centro da pequena Cavalcante. Era o primeiro dia na cidade, clicava as casinhas, a praça, a fachada das lojinhas, pessoas transitando ao longe, cachorros, crianças de bicicleta. Usava a estratégia de sempre: colocava a mim mesma e a máquina fotográfica aos olhares de todos. Fotógrafos geralmente querem passar despercebidos. Eu preciso ser vista. Um olhar de cumplicidade, um sorriso, um gesto, uma aproximação, algumas palavras trocadas e eu migro para o segundo momento: fotografar os habitantes do lugar, que, confesso, sempre me interessam mais do que as arquiteturas ou as naturezas.

Nesse dia perdi uma foto: uma mulher Kalunga caminhava no sol tórrido do Cerrado com uma sombrinha de um vermelho estupendo que contrastava com o cinza do asfalto, o céu esbranquiçado e fechava um arco de cor com a pele negra da

Quando se trata de FOTOGRAFAR pessoas há que relacionar-se, baixar a câmera, olhar nos olhos, trocar palavras e dançar

moça. Quantas vezes, caminhando na rua, não somos pegos por uma cena incrível e hesitamos? Quantas vezes uma fotografia não ficou só na cabeça? Faltou tempo, coragem, *feeling*, atenção. Voltar? Refazer? A cada passo a imagem vai se tornando translúcida, entrando para os nossos arquivos mentais. Acervo das imagens que não fizemos, das imagens que são somente potencial. E que não existem e nunca vão. Eu considero essas boas imagens também. Pois é em defesa das fotos que não fiz que escrevo este pequeno texto.

Imaginar imagens não deixa de ser um acúmulo de experiência fotográfica. Não, não estou propondo que você pare de fotografar ou que deixe de comprar aquela câmera. Estou fazendo uma ode à reflexão. Há de se pensar antes e depois do *clic*, nunca durante, ensinou-nos o grande Cartier Bresson. Quando se trata de fotografar pessoas há de se relacionar, baixar a câmera, olhar nos olhos, trocar palavras e dançar. Acrescento a dança porque outro dia ouvi intrigada de um amigo: “Para essa



sua profissão tem de saber dançar, né?”. Não! Eu exclamei mentalmente. Mas é claro que sim. Saber trocar é essencial. Essa é uma postura que gosto de assumir e admiro os fotógrafos que fazem isso. Admiro as pessoas, fotógrafos ou não, que diante do outro se mostrem interessadas em aprender e não só em apreender.

Existe um excesso de imagens sendo produzidas. Às vezes temos a sensação de que todos os temas já foram clicados com tanta competência que nem vale a pena se lançar ao assunto. A fotografia, uma jovem senhora de 172 anos, atingiu proporções inimagináveis, e o ineditismo perdeu lugar há muito tempo. Resta dizer que o que se fotografa não é mais o carro-chefe, mas sim como se fotografa. A tecnologia mais cara da fotografia é o próprio homem, suas relações, suas paixões, seus desejos, seus sonhos e indignações. É por isso que eu, como ainda não sei dançar, estou tratando de arriscar alguns passos.

Pousadas

Tapuio Park Hotel

Rodovia para Colinas, km 02, Zona Rural.
61 9827-5587

E-mail: tapuioparkhotel@hotmail.com

A 1,8 km de Cavalcante. Com acesso a pé para a cachoeira S. Bartolomeu. Seis suítes. TV, ar-condicionado, frigobar. Próxima à pista para caminhada e bosque, com vista para o Morro da Cruz, a Serra Boa Vista e a Serra Santana.

Pousada Casa Verde

Praça da bíblia, Rua 3, quadra 43, lote 482.

(62) 3494-1265 / (61) 9608-3030

Aps com TV e ventilador, estacionamento privativo. Servimos café da manhã. Segurança, conforto e bom preço.

Sol da Chapada

Rua Borba Gato quadra. 26, lote. 218, Centro.

(62) 3494 -1372

soldachapada@gmail.com

www.soldachapada.com.br

Ambiente agradável entre árvores do cerrado, apartamentos amplos e confortáveis, gastronomia com produtos da culinária goiana e muito mais!

Ecotents – Ecos do Silêncio

Fazenda Chapadinha, Estrada Cavalcante a Colinas do Sul, km 10, no alto da serra, placa indicativa à direita.

(62) 3494 1502

(62) 9604 6767

(18) 3557 1266

ecotents@gmail.com

www.ecotents.com.br

Nas exclusivas ecotendas, construídas e operadas sob princípios sustentáveis, os hóspedes desfrutarão do poderoso e ao mesmo tempo tranquilizante sentimento que é fazer parte da natureza, sem ter de abrir mão do conforto e de alto padrão.

Vale das Araras

Estrada para Colinas do Sul, km 3
Cep: 73.790-000.

(62) 3459-0007 / (61) 9665-44 47

contato@valedasararas.com.br

www.valedasararas.com.br

Pousada charmosa, em meio à natureza exuberante, junto a uma reserva natural com trilhas e cachoeira, oferece conforto e tranquilidade, em instalações e serviços de alta qualidade, com respeito ao meio ambiente e à comunidade local.

Casa Temporada

Rua 19, quadra 86, lote 993/994 – Setor Matias – Cavalcantinho.

(61) 9904 7219

rodolfo.crv@gmail.com

www.casatemporadachapada.com.br

A Casa Temporada é composta por duas casas: a Casa Santa Bárbara (140 m²) e a Casa Barroco (87 m²), ambas construídas conforme a concepção da região: com tijolos de adobe. São rústicas e bem aconchegantes.

Camping Estância Solar

Estrada Cavalcante/Colinas K m1.

(62) 34941311

bea.lino@gmail.com

O camping fica a 400 m da cidade e tem acesso à Cachoeira Lava-Pés. Área gramada e sombreada, banheiros masculino e feminino, com chuveiro de água quente, área de serviço com tanque, pias, fogão, varal e iluminação. Estância Solar está marcado via satélite para facilitar a localização com GPS.

Pousada Chalés do Lago

Rua José Paulino Silva, quadra 26, lote 211, Centro.

(62) 3494 1421

Possui quatro chalés equipados com frigobar, ventilador, local para fogueira, Quatro apartamentos simples, área verde para lazer.

Fazenda Hotel Bananal

Estrada Cavalcante/Minaçu, km 12.

Pousada e camping: disponibiliza sala de TV e vídeo, lavanderia, estacionamento, restaurante, churrasqueira, banheiros e área verde para lazer com passeio a cavalo, rio e cachoeiras.

(61) 3494-1210 / 9663-1690

Pousada Renascer

Estrada para Colina do Sul, km 8
(61) 3234 6539 / (61) 9977-2764
(62)9989-5044

fazrenascer@terra.com.br
www.reservarenascer.com

Possui quatro apartamentos, estacionamento, piscina, salão para banhos terapêuticos e área verde para lazer.

FM HOTEL

Rua 201, Qd. 01, L. 01, Vila M. Encantado.
(62) 3494-1595 / 9649-3050
Hotel_fm@hotmail.com

Pousada Manacá

Rua Travessa 4 quadra 27, lote 224,
Centro.

(62) 3494-1018 / 9913-7575

e-mail: contato@pousadamanaca.tur.br
site: www.pousadamanaca.tur.br

Tem um apartamento e dois quartos, além de dois chalés equipados com TV e frigobar. A pousada possui bar, restaurante e loja de artesanato.

Pousada Aldeia Cayana

Estrada Colinas do Sul, km 4
(61) 9986-8806/(61) 3245 7735

roteiros@chapadadosveadeiros.com.br
www.aldeiacayana.com.br

Possui dez chalés com acabamento "kalunga" (tijolo de barro) e palha. São equipados com frigobar e ventilador. A pousada possui restaurante, estacionamento e está às margens do Rio São Bartolomeu.

Pousada Morro Encantado

Rua João Guilhermino Magalhães, 230,
Qd. 27, lote 230.

(62) 3494 1079

cavalcante@pousadamorroencantado.com.br
www.pousadamorroencantado.com.br

Possui quatro chalés divididos em 16 apartamentos equipados com TV, ventilador e frigobar. Na área de uso comum possui sala de TV e vídeo, guarda de bagagem, lavanderia, piscina, sauna, restaurante e loja de artesanato.

Vila dos Ipês

Rua 19, Q. 86, L. 991/992, Cavalcantinho.
(62) 3494 1475 / (61) 9943-2151

pousadavillaipes@hotmail.com
www.viladosipeschapada.com.br

Possui quatro apartamentos com TV, frigobar e ventilador de teto.

Pousada Recanto da Mata

GO 241, 2 km antes de Cavalcante.

Tel: (62) 9655 4858

e-mail: beto_buchmann@hotmail.com

Possui quatro chalés divididos e dois apartamentos equipados com TV, ventilador. Serve café da manhã.

Hotel Pioneiro

Pç. Diogo Cavalcante, 84.

Tel: (62) 3494 1165

Hotel urbano com 12 apartamentos, situado no centro da cidade. Alguns apartamentos possuem ar condicionado e todos têm ventilador e TV.

Camping Toca do Katitu

End: Rua Rio Claro, quadra 25, lote 05.

Tel: (61) 9671 1831

e-mail: catecoguia@gmail.com

site: www.campingtocadokatitu.com

Localizado dentro de uma agrofloresta, possui muita sombra para as barracas, banheiros masculino e feminino.

Pousada Veredas

Estrada para Colinas do Sul, km 5.

Tel: (62) 3459-0000 / (62) 8427-5200

e-mail: pousadaveredas@hotmail.com

site: www.pousadafazendaveredas.com.br

Possui 17 apartamentos e espaço para camping. Para uso comum, bar, restaurante, sala de TV e vídeo, sala de jogos, piscina e churrasqueira. Na propriedade da pousada encontram-se sete cachoeiras, trilhas, um jipe para fretamento, cavalos e um paredão para prática de rapel.

Pousada Aruana

Rua Cristina, sn (antiga chácara de Pino).

tel: (61) 9984 1933/(62) 3494 1562

e-mail: aruanacavalcante@hotmail.com

site: www.aruana.com.br

Conta com 12 suítes distribuídas em três chalés, duas com acesso para cadeirante, equipadas com ventilador de teto, ducha forte com água da nascente e aquecimento solar, varanda com vista para as montanhas e internet wi-fi. Na sede temos redes, uma ampla sala de estar com lareira, TV-DVD e biblioteca.



Informações turísticas

<http://cavalcantego.blogspot.com/>



Cristina Ávila

Centro de Atendimento ao Turista (CAT) – (62) 3494-1507

Acece – Associação de guias: (62) 3494-1507

Conselho Tutelar: (62) 3494-1026

Correios: (62) 3494-1235

Delegacia: (62) 3494-1298

DER/Detran: (62) 3494-1394

Fórum/Conselho Tutelar: (62) 3494-1130

Hospital Dr. Francisco Domingues de Souza: (62) 3494-1013

Orelhão Engenho II: (62) 3459-0014

Posto de Saúde da Vila Morro Encantado: (62) 3494-1085

Prefeitura: (62) 3494-1193

Terminal de ônibus (orelhão): (62) 3494-1067

Serviços disponíveis:

- ▶ Banco do Brasil
- ▶ Correios
- ▶ Posto de gasolina
- ▶ Supermercado
- ▶ Telefonia móvel restrita a uma operadora (Vivo)
- ▶ Comércio raramente aceita pagamento com cartões

Cavalcante tem artesanato em tecido, flores, buriti, barro, capim dourado, óleos essenciais e sabonetes com aromas do cerrado.



É um dia inteiro de obrigações: brincar a curreleira, levantar o mastro, dançar a Sussa e rezar. Mas “depois da reza começa o forró”. Todo o dia tem festa! “Primeiro a obriação e depois a diversão”.





REGIÃO DA RESERVA DA BIOSFERA GOYAZ



Legenda

- Capital Federal
- Capital Estadual
- Rodovia Duplicada
- Estrada Verde de Goiás
- Estrada Parque Veadeiros Não Pavimentado
- Estrada Parque Veadeiros Pavimentado
- Aeroportos
- Rampas de Voo Livre
- Mezetas Rodoviárias
- Ciclovias
- Ponto Mais Alto do Centro-Oeste
- Parque Turístico
- Rodoviária
- Pista de Pouso

Arte: João Lino

O arraial de Cavalcante foi fundado oficialmente em 1740 pelo bandeirante Diogo Teles Cavalcante. Em 1736, o garimpeiro Julião Cavalcante e companheiros estiveram no local em busca de minas de ouro. A notícia da descoberta de imensa mina de ouro de grande profundidade à margem do córrego Lava Pés atraiu numerosos aventureiros dos mais distantes rincões, iniciando-se o povoado.



Cavalcante

O turismo e sua gente



ISBN 978-05-61534-12-7



9 788561 534127